

# Prólogo

## As mulheres e a unidade europeia: do pacifismo às ideias de Europa e o contributo para a construção europeia

---

«Nunca tanta coisa esteve no seu começo...»

Hölderlin

Todas as obras têm um objetivo e esta resultou de uma motivação de que *As Mulheres e a Unidade Europeia* podia acrescentar algo de novo à comunidade científica, ou ser um contributo para leitores de um público mais alargado, para conhecerem as principais figuras femininas europeias, que lhes abrissem, certamente, novas perspetivas sobre o essencial do projeto europeu. As coordenadoras, no prosseguimento da sua investigação em história da integração europeia, tiveram como pergunta: onde estavam as mulheres durante o processo de unificação europeia? – questão que constituiu o nosso ponto de partida de uma nova investigação.

A Europa tem “Pais da Europa” e “Mães da Europa”: então porque conhecemos tão bem os primeiros e quase desapareceram as segundas, ou, porque não tiveram visibilidade? A verdade é que a Europa foi feita de projetos que envolveram homens e mulheres e torna-se necessário reabilitar a sua memória. Foi esse trabalho de Hércules que percorremos nesta obra, primeiro para identificar essas figuras femininas, depois para as conhecer, porque muitas delas permaneciam totalmente desconhecidas. Foi este o problema identificado e ponto de partida para a investigação. Se é certo que já trabalháramos este tema há décadas, através da docência de um módulo “Mulheres e Europa: Ideias de Europa e Construção Europeia”, no mestrado em Estudos Sobre as Mulheres, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, parecendo-nos um programa muito inovador e revelador de figuras desconhecidas, que tanto tinham contribuído para uma ideia de Europa e consequente papel empreendedor no processo de construção europeia, a verdade é que, sabemos agora, estávamos muito longe de conhecer todas as mulheres que tinham contribuído para a unidade europeia, no pós-primeira guerra, e aquelas que efetivamente tiveram um papel determinante na construção europeia, pós-segunda guerra, como visionárias de um futuro de paz e solidariedade para o velho continente. As mais conhecidas, de facto, foram sendo trabalhadas naquele contexto académico, bem como na docência de Construção Europeia. História e Perspetivas, no Departamento de Estudos Políticos da NOVA FCSH.

E nesse contexto, algumas teses surgiram e parecia que tínhamos contribuído para uma investigação fundamental.

Ficou provado que não só não existem muitas mulheres que contribuíram para a unidade europeia, como há necessidade de serem estudadas e aprofundadas pelo seu importante papel, agora revelado, em muitas delas, pela primeira vez, mas cujos verbetes são um ponto de partida para estudos e teses que em muito podem prolongar as investigações e linhas de leitura aqui apresentadas pelos seus autores e complementadas por sugestões de leituras posteriores constantes da bibliografia de cada entrada.

*As Mulheres e a Unidade Europeia* propôs-se colaborar com o levantamento da memória das mulheres que contribuíram para a construção europeia, quer pelas ideias apresentadas, quer pela ação prática e intervenção nas instituições europeias. Estas mulheres tiveram um papel muito importante logo a seguir à I Guerra Mundial, apresentando propostas concretas para salvaguardar a paz através da União da Europa, e o seu envolvimento permanece de 1957 a 2020.

Estas memórias femininas têm como principal objetivo dar visibilidade à participação feminina, muito particularmente, desde a primeira guerra e a partir de 1950, na reflexão sobre a Europa e o seu futuro. Nesta investigação será mostrado que as mulheres, além de um olhar sobre a situação europeia do seu tempo, apresentaram, ainda, a sua posição sobre os acontecimentos, quer na esfera privada quer na esfera pública. O seu protagonismo revelar-se-ia surpreendente pela participação em organizações internacionais participando plenamente no processo da construção europeia.

A comum afirmação de que a Europa tem apenas “pais fundadores” ficou determinada pelo quadro retratado quando os políticos europeus se uniram na construção da comunidade nos anos 1950. Nessa altura, nenhuma mulher aparece nas fotos deste marco decisivo da construção europeia, revelando, aparentemente, que elas têm pouca relevância na vida política nacional dos seis Estados construtores, ainda que possamos identificar algumas delas, à sombra dos fundadores, e que foram muito importantes para o projeto europeu, embora não sejam tão conhecidas e faladas como os homens. No entanto, estiveram sempre nos bastidores dessa invisibilidade, inspirando e participando na construção do projeto europeu. Esta ausência inicial de mulheres parecia sugerir que não intervieram na construção da Europa, mas o que é verdade é que sempre estiveram presentes, nas décadas de 1950 e 1960, e, com muito maior visibilidade, a partir dos anos 1980.

Foram as mulheres a empreenderem a concretização dos valores da Europa, o primeiro de todos, o objetivo essencial da paz, sem o qual não seria possível qualquer unidade europeia e, ainda menos, colocar as primeiras pedras do edifício europeu nesse processo de construção europeia pós-segunda guerra, que se seguiu ao sentimento da necessidade de unidade europeia, pós-primeira guerra. Tanto num momento como no outro, embora fossem os políticos a criarem formalmente essa Europa dos primeiros passos, como a designava Robert Schuman, as mulheres muito contribuíram para o pacifismo, condição essencial para qualquer tratado político.

De facto, as mulheres são as grandes pacifistas. A Europa terá de recuperar o seu passado e desejar manter as suas raízes enquanto civilização. Por isso, há que evitar a constituição de impérios que absorvam as pequenas nações, sem as quais essa Europa perderá a sua identidade. O espírito europeu não pode ser mutilado.

Para isso, precisa de afastar uma política de dominação e conservar os pequenos Estados, todos unidos para conservar a grandeza europeia. Todas as grandes nações devem trabalhar efetiva e eficazmente pela paz, como teorizava Andrade Corvo, na obra *Perigos*. As mulheres assumiram estes perigos como uma ameaça à paz, a evitar a todo o custo, estando presentes na Liga para a Paz e em todos os Congressos para a Paz. Foi neste papel fundamental que fomos encontrar muitas das biografadas nesta obra. Convictamente trabalhavam pela paz e por dar à Europa uma política fundamentada no direito e na justiça, que assegurasse a tranquilidade, a prosperidade e a liberdade dos povos. Nenhum Estado europeu poderia ficar indiferente à guerra dos outros, todos perdendo com os perigos que ameaçam a civilização da liberdade e do direito.

Neste contexto, é de salientar a obra de Charles Lemonnier, precisamente intitulada *Estados Unidos da Europa*, numa versão portuguesa de Magalhães Lima. Escrita em 1872, e apresentada em Portugal dois anos depois, aquela obra sintetiza bem o eixo central da problemática europeia. As páginas introdutórias partem da constatação de uma evidência: ninguém deseja a guerra, mas a guerra existe. Todos são culpados. Governantes e governados tentam evitá-la, por um lado, mas contribuem para que se mantenha. Todos escrevem sobre o assunto. Políticos, filósofos, poetas, economistas e moralistas tentam encontrar razões para a guerra e soluções para a paz. No entanto, a guerra subsiste. E as mulheres pacifistas marcam presença neste movimento pela paz, título de outra obra de Magalhães Lima, *O Livro da Paz*. Este e Charles Lemonnier lutam ao lado de tantas mulheres, conhecidas e ainda desconhecidas, pela paz. Este último esteve presente no Congresso da paz e da liberdade, realizado em Genebra (1867), sob a presidência de Garibaldi, tornando-se um dos principais fundadores da Liga da Paz e da Liberdade e redator do periódico *Estados Unidos da Europa*, órgão da Liga. Além de numerosos escritos políticos, jurídicos, económicos e filosóficos devemos salientar as obras *Determinar as bases de uma organização federal da Europa* (1869) e a *Questão Social* (1871), ambas importantes no contexto dos Congressos de Lausanne. A obra *Estados Unidos da Europa* (1874), aparece na sequência de ocupar a vice-presidência da Liga. É este o enquadramento da ação das mulheres pacifistas que estiveram presentes nesta luta pela paz na Europa em todas as ocasiões. São de referir os seguintes: o primeiro Congresso, em Génova de 9 a 12 de setembro, seguiu-se o de Berna de 22 a 26 de setembro de 1868; em Lausanne de 14 a 18 de setembro; em Bale a 18 de julho de 1870 e novamente em Lausanne de 25 a 29 de setembro de 1871. É de notar que o quarto congresso estava agendado para Zurique em setembro daquele ano, mas, em virtude da guerra, não só foi antecipado como, também, deslocado para Bale.

Refira-se, também, a figura fundamental de Kant, e a sua obra imortal *A Paz Perpétua*. Vivendo num tempo de modernidade, novas serão, também, as suas ideias para a Europa, depois dos assinaláveis esforços para a paz na Europa do abade de Saint-Pierre. Este tinha vivido num velho mundo regulado por uma política velha, Kant é filho da revolução e, por isso, não se submete, como o autor anterior, ao peso da tradição teológica e feudal; consegue aliar a força do seu génio à modernidade e dar sentido à revolução. Compreende bem o que é o iluminismo, como essa saída da menoridade, e torna fecunda essa maioridade.

Enfrentando os novos tempos, soube encontrar soluções novas para os conflitos que insistiam em continuar; interessava pôr fim à guerra que só seria eficaz se se fundamentasse em algo superior aos próprios tratados que a todo o momento podiam ser revogados. Assim, ao Direito Internacional teriam que acrescentar-se outras razões que ultrapassassem o domínio coativo. Daí a pertinência dos *Fundamentos da Metafísica dos Costumes*: mostrar que para além da razão legislativa existe uma razão moral, mais profunda e, por isso, fundamento daquela. Para aquele filósofo, as ideias políticas devem-se subordinar às ideias morais e só assim será possível a paz, uma *paz perpétua*. Desta forma, sobre a justiça será fundada a paz universal e inabalável entre os povos. A preparar esta teoria, surgiria, anteriormente, o opúsculo intitulado *Tentativa filosófica acerca dum projecto de paz perpétua*. A paz perpétua, ou mesmo temporária, parecia tardar. Na Europa os conflitos precipitavam-se, numa Europa silenciosa e muda que só as pacifistas não desistiam de lutar pela paz.

A guerra parece fazer parte da natureza humana. Os tratados de paz são precários, como precária é a justiça alcançada. Para unir povos será necessário ultrapassar a pura legalidade ou o mero desejo de imitar povos unidos nascentes, como os Estados Unidos da América ou a confederação suíça. É preciso ir mais além, ou seja, descer ao nível mais profundo que consiste em encontrar fundamentos morais para a paz. É na consciência humana e não na história que se encontra a saída. A federação europeia só poderá ser alcançada pela moral. Uma moral universal traduzida na prática republicana pela divisa “Liberdade, Igualdade, Fraternidade”. Vivendo segundo os princípios da moral será possível uma federação de povos, unidos pelos mesmos fundamentos, vivendo para um mesmo fim. Assim, sem abandonarem os sentimentos de pátria e de patriotismo, sentem-se, simultaneamente, unidos a todos os povos numa vivência cosmopolita que, muito contribui para a verdadeira paz. Uma federação de povos unidos pelos mesmos princípios: eis a solução encontrada pelo filósofo da moral.

Para encontrar uma saída para a crise da Europa viveu Saint-Simon. O político que procura, também, em 1796, um projeto de paz perpétua. Reorganização da sociedade europeia; necessidade e meio de reunir os diferentes povos da Europa num só corpo político, garantindo a cada um a sua independência nacional. Segundo aquele autor, a Europa unida do cristianismo medieval perdera-se desde Vestefália. A partir daí as guerras sucedem-se e a paz é temporal. Por isso, “o único meio de estabelecer na Europa uma paz duradoura é reunir os povos em uma única organização. (...) Devem todas as nações europeias ser governadas, cada uma por um parlamento nacional, concorrendo assim para a formação de um parlamento geral, cuja missão é decidir acerca dos interesses comuns a toda a sociedade europeia. Numa palavra, a Europa teria a melhor organização possível, se todas as nações que ela encerra, sendo governadas, cada uma por um parlamento, reconhecessem a supremacia de um parlamento geral, colocado acima de todos os governos nacionais, e investido do poder de julgar as suas contendas. Observada esta fórmula, aliás muito clara e precisa, nada mais nos resta do que traçar a constituição de um parlamento europeu”. Criticando o princípio hereditário da realeza europeia e defendendo a autonomia dos diferentes povos, Lemonnier tem, ainda, dúvidas, da exequibilidade de um parlamento europeu. Por isso, procura outra solução para o estabelecimento de uma federação europeia.

Uma experiência assinalável foi a constituição da Sociedade da Paz na Inglaterra, à semelhança do que acontece na América. Uma paz fundada em princípios religiosos que não pode, por isso mesmo, admitir a guerra. No entanto, esta organização provou não funcionar em momentos de guerra, como aconteceu em 1855, entre a França, Inglaterra e Rússia. Continuou os seus esforços, convocando um Congresso para a Paz durante a exposição de Paris e pela publicação do seu órgão de comunicação *O Mensageiro da Paz*, além de outros escritos procurando demonstrar a necessidade da paz na Europa. Outros congressos europeus aconteceriam todos com o mesmo fim. O ano de 1867 seria decisivo em termos de projetos para a paz. Em Havre surgiria a União da Paz por iniciativa de M. Santallier; em Paris formava-se a Liga internacional e permanente da paz e em Génova, durante um desses Congressos para a Paz, nasceria a Liga Internacional da Paz e da Liberdade. A primeira, muito ficou a dever a um dos fundadores, Frederico Passy, que, paralelamente a difundia no jornal *O Tempo*. Constituída a 3 de maio do referido ano, continuava os objetivos da Sociedade de Londres, mas, afastando todas as questões sociais, centrava-se, exclusivamente, em defender a paz. Para isso, muito contribuíram nomes como Miguel Chevalier, Arlés Dufour, Padre Jacinto, Martin Paschoud e Izidoro.

Prestando grandes serviços à Europa, faltou-lhe, no entanto, perceber que, sem constituir um estado jurídico internacional e fundamentar-se na liberdade dos povos, pouco avançaria nos seus objetivos. Caracterizando-se pela neutralidade política, a Liga conseguiria muitos adeptos, sobretudo da burguesia, propagando os grandes princípios da independência, justiça e respeito mútuo das nações, advogando a arbitragem dos conflitos em vez de medidas violentas de guerra. Este movimento cresceria e transformar-se-ia na *Sociedade dos Amigos da Paz*. Paralelamente, a Liga Internacional da Paz e da Liberdade afirmaria, profundamente, um programa político.

Assim era anunciado o lançamento desta iniciativa para a paz. Iniciativa que se espalharia rapidamente pela Europa, conseguindo adeptos de grande relevo. Na Suíça, organizar-se-ia, imediatamente, um centro internacional do movimento e, assim, se realizaria o primeiro Congresso de Paz e da Liberdade, em Génova, a 9 de setembro de 1867, sob a presidência de Garibaldi, mostrando a adesão, também, da Itália. Nunca nenhum outro movimento tinha tido uma adesão tão espantosa e resultados tão visíveis. Logo no primeiro Congresso foram tomadas resoluções em prol dos futuros Estados Unidos da Europa.

Para dar continuidade à ideia dos Estados Unidos da Europa, sairiam logo a seguir ao primeiro Congresso da Paz dois números do que viria a ser um periódico regular preconizando a unidade europeia. O seu título não podia ser mais explícito – Estados Unidos da Europa – e era, na prática, o órgão da Liga Internacional da Paz e da Liberdade, tendo como objetivo principal preparar a criação dos futuros Estados Unidos da Europa.

Outros congressos da Liga foram, entretanto, acontecendo. Proclamando os perigos dos exércitos permanentes, necessidade de reformas sociais fundamentadas na liberdade, necessidade de separação entre Igreja e Estado, desejo de constituir uma federação republicana europeia e o reconhecimento dos direitos humanos, económicos, civis, sociais e políticos das mulheres. No âmbito do projeto dos Estados Unidos da Europa, é de destacar o terceiro congresso, em Lausanne (1869), sob a presidência

de Victor Hugo, que teve como principal finalidade estabelecer as bases de uma organização federal europeia.

Como diziam as mulheres, o fim da Liga é a paz, uma paz que vai do individual ao universal, uma paz ligada aos valores da liberdade, igualdade e fraternidade. Valores conjugados nessa federação europeia que a Liga sonha criar. Estes não absorvem as pátrias individuais, mas unem essas pátrias numa república universal.

Finalmente, o último capítulo da obra aplaudida por Magalhães Lima seria sobre os *Estados Unidos da Europa*. Idealizados por Mazzini, proclamados na cena política por Victor Hugo, são, agora, explicados e justificados por Charles Lemonnier. Servindo-se do exemplo americano, mostra como todos os seus trinta e seis estados mantêm a individualidade embora reunidos num só corpo – a federação. Todos se encontram unidos pelo laço federal que lhes dá identidade. Mas todos vivem segundo os seus interesses particulares, embora tendo interesses comuns defendidos por um governo geral. Transportando este modelo federal para a Europa o que aconteceria? Em vez de estados particulares apareceriam as nações europeias.

Repare-se no realismo do autor. Os Estados Unidos da Europa são apresentados como um projeto difícil de realizar. No entanto, o seu modelo é levado até às últimas consequências: um único exército, liberdade de comércio, uma verdadeira união económica, social e política. Todos ganhariam. Poupar-se-iam recursos financeiros e as nações estariam unidas pelos interesses comuns. Naturalmente, a paz seria um resultado dessa união, e, assim, as nações federadas ganhariam em felicidade e riqueza dos seus povos. No entanto, muitos obstáculos ainda permanecem. A federação europeia encontra obstáculos ligados a interesses dinásticos, clericais, ignorância popular e orgulho nacional. Os primeiros submetem o povo ao direito divino, o que o torna dependente de um poder que não serve os interesses dos povos; contrariamente ao direito moderno em que só a consciência é soberana e expressa a sua vontade através do sufrágio universal, no antigo direito – o direito divino – a soberania é real ou imperial. Assim, a hereditariedade do poder é contrária ao interesse dos povos que só podem ser servidos por um governo republicano. Mas esse percurso histórico-político será demorado e, conseqüentemente, longínquos serão, também, os Estados Unidos da Europa.

Palavras esclarecedoras que bastam por si mesmas e fazem perceber que, afinal, os Estados Unidos da Europa não eram uma utopia. Só do ponto de vista retórico o autor assim os considerou. Na prática, já os vê iniciados nas revoluções europeias e, pouco a pouco, edificados em pequenas, mas importantes, realizações concretas. Sem anular as nacionalidades nem os patriotismos, a federação europeia construindo os seus alicerces. Na base está o sufrágio universal. A federação europeia pode começar quando, apenas, duas nações republicanas se unirem. Será o princípio dos Estados Unidos da Europa.

Parecia que o projeto de Charles Lemonnier, defendido e apresentado por Sebastião de Magalhães Lima, estava concluído. No entanto, outras páginas se seguiriam, também trazidas em primeira mão para Portugal por aquele. Curiosamente, fomos encontrá-las numa obra sua *O Livro da Paz* precisamente no seu final. Uma leitura apressada nem daria conta desse último capítulo intitulado *Os Estados Unidos da Europa*, por aparecer de certa forma desligado do resto da obra. Mas as suas

páginas estão lá e dizem ser inéditas da segunda edição da obra daquele autor francês. Isso dá-nos a convicção da importância atribuída por Magalhães Lima àquela “utopia” por um lado, e, por outro, como ele comunicava com o seu autor, ao ponto de conseguir apresentar as últimas “novidades” do projeto para a paz, empreendido pelas mulheres.

Contudo, não seria só pela obra *Estados Unidos da Europa* que Sebastião Magalhães Lima divulgaria aquela ideia. A unidade europeia perpassa toda a sua obra, quase sempre explicitamente, mas às vezes de forma oculta, que só a ligação de ideias a fazem encontrar. Essa presença ausente é, também, uma forma doutrinária de “pregar” um evangelho político que, muitas vezes, usa outras expressões para significar o mesmo, como é o caso da já citada obra *O Livro da Paz*.

Aquele livro, nada pacífico no debate político, mostra uma ideologia republicana de base, cujos princípios doutrinários se fundamentam nas ideias de paz e de liberdade, que, em última instância, conduzem a esses *Estados Unidos da Europa*. O próprio título é elucidativo, assim como o prefácio assinado por Émile Arnaud, presidente da Liga da Paz e da Liberdade, bem revelador das relações próximas entre estes intelectuais. Sebastião de Magalhães Lima estava por dentro da problemática em causa e participava nela. Prova disso são, também, as cartas recebidas de escritores e publicistas da época, que apresentam na obra referida. Esta é, aliás, dedicada “à memória sacratíssima de Charles Lemonnier, o grande e devotado amigo da paz e da justiça, apóstolo intemerato da federação e glorioso evangelista dos *Estados Unidos da Europa*”.

Estes movimentos pacifistas, nos quais as mulheres marcaram grande presença e ação, fizeram germinar o futuro de uma possível unidade europeia e, por isso, são uma fonte fundamental. Após as pacifistas exercerem a sua ação, ainda no século XIX, o pacifismo continuaria após a primeira grande guerra.

É muito importante referir o pioneirismo pacifista de Louise Weiss na construção europeia para se compreender o europeísmo das mulheres na primeira metade do século XX, que a reconhecem uma protagonista na história da construção europeia e uma referência para o seu próprio percurso. Louise Weiss foi uma figura que conviveu de perto com os “País da Europa”, apresentando um projeto original, e muito atual, sobre a necessidade de construir uma Europa da cultura, uma Europa com os europeus, ou seja, dar uma “alma” à Europa.

As mulheres vieram mostrar a possibilidade de uma “Europa nova”, nos efeitos de uma “escola da paz”, nos direitos da mulher e num feminismo representado pela “nova mulher”. Vieram mostrar com grande convicção de que a unidade da Europa e dos europeus era uma necessidade. Todas elas, de uma forma ou de outra, acreditaram nesta Europa, fundada nas suas experiências de vida muito ricas, também extraeuropeias, portanto, a partir do contacto direto com a vida e não uma ideia ensaiada teoricamente. Conhecem outras civilizações, outros povos, outras culturas.

Naturalmente, esta diversidade geográfica, cultural e religiosa muito contribuíram para a formação de um espírito aberto à unidade na diversidade, princípio fundamental da cultura europeia. Desde cedo, as mulheres conviveram com esta realidade, o que lhes permitiu terem uma visão aberta da unidade europeia e, mesmo, de uma unidade da humanidade. Afinal, não serão estas mulheres sem fronteiras, como

foram outras figuras lapidares da Europa, como Coudenhove-Kalergi, Jean Monnet, Robert Schuman e Adenauer? Mulheres que acreditam verdadeiramente numa unidade europeia, também com contornos geográficos, que eliminam todas as fronteiras artificiais traçadas entre os povos?

Curiosamente podemos constatar como as grandes impulsionadoras da União Europeia não se tornaram europeias por nascimento, ou seja, por herança, mas essa herança que constitui a sua história familiar muito contribuiu para serem abertas à diversidade e universalidade. O seu espírito cosmopolita foi impulsionado pela sua própria vivência, foram mulheres visionárias da necessidade de uma Europa Unida, percebendo que esta unidade não pode fundamentar-se em interesses económicos, mas em valores lapidares que fazem parte de uma consciência europeia.

Trata-se de uma Europa da cultura, uma Europa unida a partir das suas raízes culturais – a civilização greco-romana e o cristianismo. Como diz Edgar Morin, na obra *Cultura e Barbárie Europeias*, o século XX assistiu a três antídotos culturais europeus – totalitarismo soviético, nazismo e fascismo –, as barbáries europeias que coexistiram com uma cultura europeia que, embora sem visibilidade histórica, permitiu sair da barbárie para reencontrar a velha Europa que, passo a passo, se reergueu pela força do seu humanismo.

No fundo, é necessária a capacidade de pensar a barbárie europeia para a ultrapassar, para evitar o pior, sempre possível no futuro. Esta realidade foi vivida e sentida com muita intensidade pelas mulheres. Foi a partir dela que pensaram esta realidade europeia para arquitetar as suas ações concretas pela unidade europeia, ou seja, as vias necessárias para edificar uma nova Europa. A maioria delas tinha presenciado os grandes acontecimentos do século para aprenderem a lição da paz, reproduzida em toda a sua doutrina e ação. Elas foram testemunhas de um tempo tumultuoso. Contra todas as tempestades, elas assumem esses combates pela Europa.

Para nós, os leitores, a grande lição é ficar com a consciência de que todas as teorias precisam de uma sustentabilidade social e política. Não ter a ilusão da possibilidade de inventar um futuro para a Europa, sem ter consciência dessa realidade europeia. Não desligar o pensamento da prática vivida. Enfim, não criar uma torre de marfim ou, como diz Gadamer, “o mito da torre de marfim onde vivem os teóricos é uma fantasia irreal. Todos nos encontramos no meio da estrutura social”. Tanto este autor, como muitas das biografadas, sobreviveram a duas guerras mundiais e sofreram as suas consequências. Não admira, portanto, que não caíam na tentação da torre de marfim. O seu pragmatismo político tem origem em acontecimentos vividos e gravados na memória. Como se interrogava Hofmannstahl: «De que serve ter visto muitas coisas?» Ou, como confidencia Gadamer: «Assim, ficou gravado na minha memória o momento em que rebentou a guerra de 1914, quando exclamei com a primeira leviandade de um rapaz curioso: “Que bom!”, e o meu pai respondeu com a testa franzida: “Não sabes o que dizes”». As mulheres conviveram com esta realidade, para perceber o processo de unidade europeia pós-I Guerra e a efetiva construção europeia a seguir à II Guerra. Durante a Primeira Grande Guerra estariam, muitas delas, ao lado dos sobreviventes de guerra, socorrendo os feridos retirados da frente de combate em Saint-Quay Portrieux, no Norte da Bretanha. Tiveram a oportunidade de acompanhar as transformações europeias e de ter a capacidade de antecipar



o futuro. Essa vidência ou dom de ver o futuro da Europa estava ligado ao conhecimento profundo do passado, à vivência dos grandes acontecimentos do seu tempo e, conseqüentemente, à capacidade de “prever” ou antecipar o futuro. A fórmula para esta possibilidade é sempre associar o passado ao presente, para saber com o que tinham de contar para agir a seguir.

Estas mulheres acabaram por criar uma “ciência da paz”, através dos seus escritos e da sua ação política. Desejavam criar uma *L'Europe Nouvelle*, como fez concretamente Louise Weiss, desde o seu primeiro número, em 12 de janeiro de 1918, até 1934. Foi a fundadora desta revista semanal de política internacional e francesa, que tinha como ideário ser um instrumento científico para a paz e a cooperação na Europa. Esta revista de ideias e documentação pretendia estudar as condições de vida política, económica e social da Europa. O ideal era grande demais para as possibilidades reais da nova Europa, e a revista teria uma vida curta, e, talvez por se dirigir, apenas, às elites, ainda mais curta seria a direção de Louise Weiss na *L'Europe Nouvelle*.

Todos os artigos da Revista *L'Europe Nouvelle* iam acompanhando essa *nova Europa* expressa em artigos de opinião, notícias sobre o assunto, de mulheres europeias, mas, também, e curiosamente, as obras de artistas como Van Dongen, Vlaminck, Dunoyer de Ségonzac, Dufy-Capiello, Mathurin Meheut, Albert Brabo ou Chana Orloff. Estes artistas faziam parte da cultura tão considerada como pedra lapidar por Louise Weiss. Entre os colaboradores, podemos encontrar nas páginas da revista nomes como o próprio Aristide Briand, Léon Blum ou Paul Valéry.

Todas estas mulheres não desistiam e acreditavam na possibilidade de realização do seu ideal europeu. Pronunciavam discursos sobre a história, a cultura e a diversidade da Europa, prestando homenagem aos grandes europeus: políticos – de Carlos Magno a De Gaulle; escritores como Valéry; filósofos – Voltaire e Kant; cientistas – Einstein; juristas – Grotius; visionários – Keyserling e Coudenhove-Kalergi, e, finalmente, a todos os pais fundadores da Europa em que vivemos – Monnet, Schuman, De Gasperi.

Esta Europa só fora possível por todos os esforços empreendidos pelos europeus, mulheres que faziam parte de metade dessa humanidade. Elas tinham consciência de que a Europa não podia edificar-se só pela via económica e jurídica. Para ser um projeto com futuro, teria de se preocupar com a sua identidade. A sua mensagem era histórica, política e cultural.

Muitas destas mulheres, como, por exemplo, Irene de Vasconcelos conseguiram a proeza de presenciar os principais acontecimentos no mundo e, particularmente, na Europa. Escreviam na imprensa, no caso citado, no *Diário de Lisboa*, em Paris, da *Nation* (Madrid) e de *El Mundo* (Havana). Colaboravam ainda, de forma esporádica, no *Diário de Notícias*, em *La Nation* (Buenos Aires), *L'Indépendance Roumaine*, *Abora* e *Excelsior* (México). Participavam na política internacional, muito concretamente, na Sociedade das Nações. As suas ideias de Europa foram arquitetadas a partir de uma realidade vivida.

Estas mulheres europeias denotavam um grande interesse pelo mundo em que viviam, um envolvimento nas grandes causas que se discutiam na época, ultrapassando muito os acontecimentos internacionais que enchiam as primeiras páginas dos jornais, captando, também, as lutas difíceis e menos visíveis, nomeadamente no

domínio da afirmação dos direitos da mulher, que naquela época pretendiam triunfar. Muitas acreditavam mesmo na possibilidade dos “Estados Unidos da Europa”.

Muitas mulheres interrogam a Europa e pretendem mostrar que o espírito europeu existe e garante a identidade europeia e o futuro da Europa. Pelo caminho, levantam-se questões insignificantes à primeira vista, mas que adquirem uma grande importância quando analisadas no seu alcance e profundidade, como a vivência destas mulheres nos espaços de sociabilidade. A esse propósito, refiram-se os cafés europeus e a sua importância enquanto espaços de debate sobre a história e a geografia europeia. A este propósito, refira-se também George Steiner, em *Ideia de Europa*, em que este filósofo faz a apologia de que a Europa dos cafés é um lugar de criação, de encontros e de cultura. Deles fazem parte a Europa e sem eles não teríamos a mesma vivência deste espírito europeu.

Falar de Europa é falar destes espaços de reflexão para entrar mais profundamente no espírito europeu forjado pelas nações, religiões, identidades, línguas e diversidade cultural e política. Nesta diversidade, a autora interroga-se como encontrar a unidade europeia nesta diversidade, afirmando que são os valores europeus, a solução para uma identidade europeia. Tal como a construção europeia se iniciou, antes de mais, para preservar a paz, também a ideia de Europa tem nos seus fundamentos os ideais de paz, liberdade e defesa da dignidade humana, ou seja, um humanismo como pedra lapidar desta Europa.

Estes valores fundamentais têm de ser preservados e difundidos pelas universidades, lugar de conhecimento e de saber, a quem cabe a formação do autêntico homem europeu. Só assim se formará a Europa do espírito, a única capaz de congrega povos, nações e estados, de aglutinar a diversidade linguística, racial e religiosa. A Europa é a convergência da unidade nessa diversidade, pela percepção da sua verdadeira essência. Apesar de toda a multiplicidade, é necessário encontrar um fio condutor, um projeto europeu comum a todos os seus membros, só possível pela conciliação da resposta política com a resposta cultural. O problema da Europa reside no facto de todo o seu percurso histórico ter reconhecido mais as diferenças do que as identidades. É este o papel dos intelectuais no projeto europeu: encontrar uma ideia de Europa que sirva de bússola para orientar o processo da construção europeia. Chegou o momento de ouvir as ideias daquelas mulheres que falaram da Europa em toda a sua história, recuperando a sua essência. É preciso encontrar uma alma para a Europa, uma Europa da cultura.

As mulheres europeias pensaram também uma cidadania na Europa e o contributo das mulheres nesse processo. Reconhecem no seu tempo uma Europa feroz visando o alargamento do conceito de cidadania como condição para uma União verdadeiramente democrática e dimensão dotada de um estatuto de entidade política. Tinham uma forte vontade de ultrapassar barreiras e de construir uma União Europeia fundamentada numa unidade política.

O perfil desta cidadania europeia continua a ser discutido pelas mulheres europeias. Como faz notar Habermas, o passaporte europeu não está ainda associado aos direitos que constituem a cidadania democrática.

Concluimos estas reflexões finais, com a pergunta essencial para todo o processo de unidade europeia até à atualidade: como responderam as mulheres às crises

da Europa? Foi na recuperação da história da Europa, o que a Europa ainda conseguia ser depois de uma Europa mutilada, arruinada por guerras, nazismo e fascismo. As mulheres tinham consciência de que a Europa vivia de feridas e ressentimentos que permaneciam latentes nos países perdedores da I Guerra Mundial, e que continuavam no seu inconsciente até à atualidade. Só os anos 20 foram anos felizes e mascararam o terror experimentado durante a guerra de 1914, que levou o ser humano a colocar uma confiança total na natureza humana. Viveram, depois, o caminho para um segundo desastre mundial, novamente um tempo de terror, ouvindo as sirenes que ainda continuam a soar na Europa, em sentido mítico, mas também real.

Parece que a guerra se tornou uma constante na vida da Europa, que levará muitas mulheres a refletir sobre a origem e as razões da violência, como fazendo parte da história da Europa e das raízes europeias. É preciso ir mais fundo e procurar nos fundamentos da origem da Europa, no seu nascimento e na sua identidade europeia, as causas primárias da guerra. Que esperança permanece, então, para a Europa? Uma Europa que acaba sempre por renascer das cinzas – como o pássaro Fénix. A esperança europeia é sempre mantida pelas mulheres europeias.

A Europa para muitas das mulheres é, sobretudo, a Europa da cultura e da história comum: qualquer “união europeia” só pode ter como base sustentável a cultura. Essa Europa, que vai do Atlântico aos Montes Urais, e que ocupa o espaço do Mediterrâneo e Ártico, constitui uma unidade civilizacional distinta: a Europa Ocidental. É sobre ela que estamos a falar, e sobre ela escrevem as intelectuais quando tratam da Europa. Esta Europa tem fundamentos comuns que lhe dão unidade e identidade: o humanismo grego, a jurisdição e o imperialismo romanos, e o universalismo cristão. Roma veio dar à Europa essa força espiritual intemporal, que a salvaria daquilo a que Edgar Morin chamaria um “caos genético”. A ordem nasceria da sua história, como dizia Paul Valéry.

Fundamentos históricos comuns e um mesmo fundo espiritual fazem parte do povo europeu, que, muitas vezes, não se reconhece, devido à sua história, nem sempre pacífica. Cada nação europeia assume uma identidade individual e tem dificuldade em admitir uma identidade europeia. Aos europeus falta a consciência de pertencerem a um todo civilizacional comum. As outras nações, fora da Europa, têm a noção do conjunto, que os europeus não conseguem ver. Como dizia Henri Brugman, «é fora da Europa que nos descobrimos europeus».

As soluções apresentadas pelas mulheres para a exequibilidade da Europa, sem evitar todas as tragédias europeias, condensadas na expressão *L'Europe tragique* de Gonzague de Reynold, que, apesar de todas as mortes, permanece viva, estava na perenidade da ideia de Europa, uma Europa-Ser que viabilizou uma Europa-Projeto. Tratou-se da permanência do essencial, para além do acidental, e foi essa ideia de Europa que subsistiu para além da Europa-História que se foi modificando. Foi esta ideia que serviu de bússola aos projetos europeus e de alimento aos seus fracassos históricos. A ideia de Europa foi a “alma europeia”. Um sonho a realizar. A utopia a antecipar o futuro. Lembremos Robert Schuman quando dizia que a Europa devia conceber uma alma. A Europa tinha de voltar a ser um guia para a humanidade. A Europa não era contra ninguém. A Europa Unida era um símbolo da solidariedade universal do futuro. Antes de a Europa se tornar numa aliança militar ou numa

unidade económica, teria de ser uma unidade cultural no mais pleno sentido da palavra. A unidade da Europa não se fez nem fará, nem unicamente nem principalmente, através de instituições europeias; a sua criação seguirá a evolução dos espíritos (*Pour l'Europe*). Esta Europa inclui toda a humanidade, constituída por homens e mulheres que, em conjunto, procuram alcançar um mundo melhor para todos, em que essa velha Europa é o baluarte dos valores, do humanismo e da paz necessária para uma unidade europeia. A Europa é essa herança comum, essa luz para o resto da humanidade. Foram também as mulheres que a transformaram nesse reservatório e exemplo para a outra parte da humanidade do mundo.

A Europa é um lugar de esperança, uma promessa de esperança para o mundo, assumida por homens e mulheres, alguns e algumas que receberam o Prémio Nobel da Paz, e que demonstraram que a Europa continua a ser um farol para o mundo.

Este trabalho reflete o «mundo em que vivi», usando a expressão de Ilsa Losa num contexto, felizmente, bem diferente, mas que influenciou a certeza de que as mulheres estiveram sempre em todas as épocas e todos os contextos históricos, visíveis ou invisíveis.

Neste processo de investigação foram aparecendo mulheres que mostravam ter tido um papel decisivo na construção europeia. Foi um projeto sem dúvida arrojado devido à grande invisibilidade destas mulheres na sociedade e, por isso, à escassez das fontes disponíveis, que nos obrigou a caminhar, como a própria Europa, pelo “método dos pequenos passos”. No entanto, foi um desafio que se revelou fascinante pelas contínuas descobertas que a viagem pela Europa nos foi proporcionando, muitas vezes com encruzilhadas que conduziram a novos caminhos e à revelação de outras mulheres que fomos acrescentando à investigação. Neste labirinto, o fio condutor foi sempre dar visibilidade às mulheres que pensaram a Europa, sendo ou não protagonistas da sua história, através das suas vidas.

Isabel Baltazar  
Universidade Nova de Lisboa